



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA EMÍLIA MARTINS VERÍSSIMO

**PRODUÇÃO ESCRITA DOS JOVENS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UM ESTUDO DE CASO COM A EXPERIÊNCIA NO PROJETO PROLICEN**

JOÃO PESSOA - PB

2017

ANA EMÍLIA MARTINS VERÍSSIMO

**PRODUÇÃO ESCRITA DOS JOVENS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UM ESTUDO DE CASO COM A EXPERIÊNCIA NO PROJETO PROLICEN**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras com habilitação em língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Quézia Vila Flor Furtado

JOÃO PESSOA-PB

2017

**Inserir os Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – Ficha
Catalográfica**

ANA EMÍLIA MARTINS VERÍSSIMO

PRODUÇÃO ESCRITA DOS JOVENS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UM ESTUDO DE CASO COM A EXPERIÊNCIA NO PROJETO PROLICEN

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura Plena em Letras com habilitação em língua Português.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Quézia Vila Flor Furtado (orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr^a. Josete Marinho de Lucena (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr^a. Isabel Marinho da Costa (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sabedoria, amor e proteção.

À minha mãe Anita Martins dos Santos e ao meu pai João veríssimo da Silva, que me deram a vida, e por isso, hoje estou aqui.

Ao meu irmão por todo incentivo e companhia.

Ao meu esposo Elton Leôncio Batista, companheiro de todas as horas, e principal incentivador.

À Prof^a. Dr^a. Quézia Vila Flor Furtado, minha orientadora por toda paciência, incentivo e todos os ensinamentos nesta caminhada tão importante da minha vida.

A banca examinadora e a todos os professores que contribuíram com minha formação acadêmica.

RESUMO

O objetivo do trabalho foi analisar as dificuldades que os alunos da Educação de Jovens e Adultos enfrentam em relação à ortografia, a partir do material coletado em uma experiência no Projeto de intervenção PROLICEN/UFPB-*Jovens da Educação de Jovens e Adultos: superação no processo de escolarização* 2016 orientado por Quézia Vila Flor Furtado, realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Educação Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, localizada no bairro da Penha em João Pessoa-PB, nos Ciclos III e IV no turno da noite. Participaram da pesquisa seis sujeitos, com suas respectivas produções textuais. Sendo três alunos do Ciclo IV, e dois do Ciclo III, sendo 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. A metodologia aplicada para essa pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando as técnicas de observação. Utilizamos como aporte teórico: Carrano e Peregrino (2005), Bagno (2001), Possenti (1996) e Moura Neves (2003), Zorzi (2008). Foi verificado na análise dos dados apresentados que os sujeitos se apoiam na oralidade em relação às dificuldades apresentadas na escrita.

Palavras chave: Escolarização; Juventude; Leitura Escrita.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the difficulties faced by young people in youth and adult education in relation to orthography, based on the material collected in an experience in the intervention project PROLICEN / UFPB-Youth for Youth and Adult Education: the 2016 guided by Quézia Vila Flor Furtado schooling process, held at the Municipal School of Early Childhood Education and Primary Education Antônio Santos Coelho Neto, located in Penha neighborhood in João Pessoa-PB, in Cycles III and IV during the night shift. Six subjects participated, with their respective textual productions. Being three students of Cycle IV, and two of Cycle III, being 5 males and 1 female. The methodology applied for this research is qualitative, using the techniques of observation. We use as a theoretical contribution: Carrano and Peregrino (2005), Bagno (2001), Possenti (1996) and Moura Neves (2003), Zorzi (2008). It was verified in the analysis of the data presented that the subjects rely on orality in relation to the difficulties presented in the writing.

Keywords: Schooling; Youth; Reading and Writing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A LÍNGUA PORTUGUESA E SUA IMPORTÂNCIA NO DIREITO AO ACESSO PARA TODOS.....	17
2.1 - A leitura como reflexão do uso da língua.....	13
2.2 Os jovens da Educação de Jovens Adultos e a produção escrita.....	21
3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
3.1 Campo de pesquisa.....	19
3.2 Percurso Metodológico.....	20
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	21
4. CARACTERIZAÇÃO DA ANÁLISE: PRODUÇÃO TEXTUAL DOS JOVENS.....	27
4.1 Produção textual dos jovens da EJA: Apresentação da análise ortográfica.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu a partir da participação do projeto PROLICEN/UFPB-*Jovens da Educação de Jovens e Adultos: superação no processo de escolarização*¹, nos anos 2015 e 2016. Durante o projeto, realizado na Escola Municipal de educação Infantil e Educação Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, Penha-PB, onde refletimos sobre o crescimento da entrada dos jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as situações de fracasso escolar.

No ano de 2015 realizamos intervenção ampliando as discussões com profissionais da educação em formação inicial e continuada, a fim de mobilizarmos ações significativas para a realidade escolar em que encontrava estes jovens. Tivemos como objetivo desenvolver diálogo entre o Ensino Superior e a Educação Básica em relação aos jovens da EJA a fim de criar estratégias de ação em superação às situações de fracasso do processo de escolarização, no qual investigamos os motivos dos jovens estarem estudando na EJA e suas dificuldades e necessidades no processo de escolarização. Para isto, realizamos círculo de diálogo com os professores a fim de refletir os resultados de diagnóstico da realidade dos jovens e promovemos grupos de estudo e de intervenção diante das dificuldades e necessidades dos jovens no processo de escolarização. O grupo de estudantes que participou, foram 23 jovens entre 15 e 17 anos de idade, estudantes do Ciclo III e IV da EJA, anos finais do Ensino Fundamental.

No ano de 2016, com a renovação do projeto, foi nos solicitado pelos profissionais da escola, intervir com ações para a motivação dos jovens em relação a escola, relacionando-a a sua perspectiva de vida, para o qual tivemos como objetivos: promover grupos de estudo e de intervenção diante das dificuldades e necessidades dos jovens no processo de escolarização; possibilitar o desenvolvimento de estratégias-didático pedagógicas no trabalho com a identidade e motivação dos alunos para superação das situações de fracasso.

As atividades propostas (2016) foram desenvolvidas em momentos distintos: num primeiro momento foi realizado o grupo de estudos e diálogos através das observações feitas na escola sobre a realidade de escolarização dos jovens da EJA

¹ Sob a coordenação da Prof.^a Quezia Vila Flor Furtado.

juntamente com a professora orientadora e as bolsistas do projeto, e num segundo momento as ações de intervenção com as oficinas que foram realizadas separadamente com o ciclo III e o ciclo IV para produção de um livro com conteúdo de diversas áreas do conhecimento, considerando identidade e motivação dos jovens da EJA, e que se deu da proposta da visão dos jovens sobre a sua comunidade, suas potencialidades, vislumbrando perspectivas futuras com a colaboração dos professores envolvidos e suas respectivas disciplinas.

Foi resolvido então a partir dessa conversa e das observações que fizemos levar para as duas turmas exemplos de títulos para o livro e para os capítulos e fazer a escolha com cada turma e ouvir a opinião de cada um, por que o livro seria feito por eles e teria que conter informações que os alunos gostariam de expor nas páginas do livro.

Sendo assim foi escolhido o título do livro **EJA: Conhecer para respeitar**. O livro foi dividido em três capítulos o capítulo I - **Quem Somos Nós?** Que abordou a identidade do aluno: pessoal e escolar contando com a ajuda do professor de História que despertou a curiosidade do aluno para sua origem, “quem sou eu?” Após uma conversa sobre determinado assunto cada aluno fez sua própria produção textual e nesse primeiro capítulo eles teriam que se descrever, contar como vivem e o que faziam fora da escola o motivo de está frequentando a EJA e outras informações que definissem quem eram eles.

No capítulo II - **Conhecendo Nossa Comunidade**, abrangendo os aspectos culturais e econômicos; religiosos; espaços e modificações da comunidade. Nas aulas de geografia e matemática os professores exploraram conteúdos e assuntos que estavam ligados a realidade de cada comunidade, quatro comunidades estava inseridas nas duas turmas. Então cada aluno escreveu um pouco sobre a sua comunidade e relatou os características que revelavam as fragilidades e potencialidades de cada uma.

No capítulo III - **Nosso Projeto de Vida** englobou as perspectivas de futuro de cada estudante, tanto pessoal quanto profissional: quais eram os seus sonhos e metas para o futuro e o que cada um pretendia realizar com o apoio da escola. Os professores de artes e inglês reforçaram a relevância desse projeto de vida e cada aluno escreveu de acordo com suas próprias perspectivas para o futuro.

Após as conversas e trocas de informações, cada aluno fez o seu registro em uma folha de papel e escreveu o que fosse do seu agrado em relação aos

determinados temas de cada capítulo. Sendo eles mesmos os autores dos capítulos, a produção textual tornou-se de fácil identificação e interesse. Havia aqueles que de início não queriam participar e escrever, mas percebíamos que parte daquela recusa se dava pelo fato de que o estudante apresentava dificuldades para escrever e se sentiam envergonhados na nossa presença.

Por fim, ao final do projeto, conseguimos organizar e sistematizar as ideias produzidas pelos estudantes, sendo confeccionado um livro, o qual teve sua culminância em um evento de lançamento, com a presença de todos os estudantes e profissionais da escola.

A participação neste projeto trouxe-me algumas inquietações e o desejo de investigar as dificuldades que os jovens da EJA têm em relação à escrita. Nas atividades do Projeto 2016, descritas aqui, os alunos da EJA demonstravam dificuldades quando proposta elaborar um simples texto sobre sua comunidade, sobre si, sobre sua família ou até sobre seus sonhos. Então me perguntei: “Quais as dificuldades de produção escrita?”; Com a vivência e o cotidiano escolar surgiu o desejo de investigar a dificuldade que os jovens da EJA têm em relação à escrita. A timidez com as letras e a dificuldade de escrever por parte do aluno despertou meu interesse em saber: Quais as dificuldades de produção escrita/ortográfica de estudantes jovens da Educação de Jovens e Adultos?

Para isto, temos nesta pesquisa como objetivo geral analisar a produção escrita dos jovens da EJA e suas dificuldades na produção textual, e como específicos: verificar o uso da ortografia em relação ao domínio da escrita e refletir sobre o uso e a importância da aprendizagem da ortografia no ensino de língua portuguesa.

Este trabalho está organizado em três capítulos, onde o capítulo 1 menciona sobre a língua portuguesa e como o ensino e aprendizagem da língua portuguesa se encontra na Educação de Jovens e Adultos, revendo a importância da língua como direito ao acesso de todos. Traz a reflexão do uso da língua materna e suas questões. Mostra ainda a questão desses Jovens da EJA e a produção escrita. No capítulo 2 vem a caracterização do campo de pesquisa e a metodologia usada na pesquisa, abrangendo o percurso metodológico e os sujeitos da pesquisa. E por fim o capítulo 3 é apresentada a produção textual dos jovens e a análise ortográfica e considerações feitas.

2. A LÍNGUA PORTUGUESA E SUA IMPORTÂNCIA NO DIREITO AO ACESSO PARA TODOS

A comunicação é fundamental e necessária para todos nós, e é através dela que podemos nos expressar nos informar e a partir disso construir um caminho de conhecimento e saberes necessários e comuns a todos nós. Começamos a trilhar esse caminho dentro da sala de aula, quando conhecemos, pensamos e conseguimos entender a importância da comunicação. No ensino de língua portuguesa é importante criar situações onde os alunos possam construir de diferentes formas, suas próprias linguagens e sabendo colocar-se diante das regras gramaticais.

2.1 A leitura como reflexão do uso da língua

Em relação à gramática o Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) afirma que a gramática quando se ensina descontextualizada, torna-se estritamente escolar onde só estuda para passar na prova com exercícios de memorização e reconhecimento. Daí discute-se se há ou não a necessidade do ensino da gramática e sabemos que é uma falsa questão levantada, porque o que se deve discutir é como ensiná-la e para que ensiná-la.

Tem-se que pensar no ensino da gramática não apenas para definir se o aluno vai passar na prova, se vai decorar tal regra ou não, e sim mostrar ao aluno que se pode refletir sobre a linguagem e através dela construir textos.

O acesso à cultura letrada e as informações é um direito de todo cidadão e a escola tem grande participação e um papel fundamental aos seus alunos. A língua escrita permite ao aluno ampliar seu repertório e permite utilizar a língua nas mais diversas situações no meio social. O PCN reforça e destaca a importância no ensino de língua portuguesa e a formação dos usuários capazes de fazer uso da mesma, usando a língua em várias situações diferentes, nos comunicamos através da linguagem e por ela temos acesso a informação e defendemos pontos de vista e partilhamos visões de mundo, assim atribui-se a escola função e responsabilidade de

contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (PCN, 1998, p19).

A discussão sobre a gramática nas escolas é grande quando se trata desse ensino em língua Portuguesa, pois é por meio da gramática que podemos pôr em prática os conhecimentos adquiridos e as condições de aprender a norma culta, sem que as demais modalidades de leitura e escrita sejam esquecidas ou excluídas. Alguns autores discutem sobre o ensino de língua Portuguesa e como ela é dada nas salas de aula, de forma diferente do que se apresenta, por exemplo, o PCN. De acordo com Vygotsky(1998, p. 18):

[...] por trás de palavras, existe uma sintaxe dos sentidos das palavras. Essa sintaxe, gramática, tem origem nas formas sociais de interação verbal, mas é permeada por uma realidade psicológica individual. O processo inicial da leitura, que passa pela escrita, e o trabalho inicial da escrita, que passa pela fala, revelam fragmentos e momentos do discurso interior [...]

Então se deve compreender que não é apenas uma forma simples, é bem mais amplo como diz o autor acima, a gramática tem origem na interação verbal, onde a leitura passa pela escrita e a escrita passa pela fala, onde se aprende a dizer o que quer pela escrita. Por isso a preocupação de como é ensinada a leitura e a escrita em sala de aula.

Uma das preocupações são os exercícios, onde não se é explorado o lado reflexivo do assunto e que apenas são questões que deixam a desejar e implicam apenas em decorar aquela norma sem mais conhecimentos de acordo com Pereira (2014, p.15)

A repetição sem reflexão gera automatismo e não conhecimento. Uma solução é trabalhar a aprendizagem da leitura e da escrita tendo em mente que essas são atividades linguísticas cognitivas e sociais, portanto levando em consideração todas essas dimensões.

A modalidade escrita é muito importante para uma sociedade, ela faz parte dos nossos dias, pois vivemos numa sociedade que é preciso usá-la independente do grau

de escolaridade de cada um, e é essencial para esse mundo moderno como afirma Marcuschi (2010, p. 16-17):

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

E para construir, por exemplo, um texto, é preciso planejar como vai escrever e na sala de aula despertar o interesse do aluno para ser um leitor e conseqüentemente escrever de forma coerente. A prática da escrita vai crescendo gradualmente por meio da prática na escola, possibilitando variadas atividades para os alunos. E é fundamental que da parte do professor, haja novas buscas, novas práticas que despertem o interesse desse aluno principalmente o sujeito da EJA que já carrega consigo diferentes hipóteses sobre o mundo das letras. A escola tem que ficar atenta entre esses usos e procurar contribuir para a ampliação da leitura e da escrita mesmo com as práticas de linguagem que aprendemos fora da escola afetando em sala de aula.

A escrita é um desafio para a criança que está em fase de alfabetização. O passo do aprender a escrever e a ler é muito importante, juntamente com as relações variáveis entre letras e sons que permitem a leitura. Enfim, é preciso saber o processo de aquisição da leitura e da escrita. Segundo Cagliari (1997 p.103):

A escrita seja ela qual for, tem por objetivo primeiro a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala.” A escrita começa na leitura, é através da leitura que desperta o gosto e conseqüentemente o aluno vai praticar a escrita tornando-a mais presente.

Alguns alunos têm problemas em relação à leitura porque não aprenderam durante sua escolarização na infância, a interpretar o que leem e o que está escrito, e carregam essa dificuldade para o resto da vida, como é o caso de alguns alunos da

EJA onde percebi a dificuldade através da escrita. Na maioria das vezes, ao invés de resolver essa dificuldade, ela vai sendo passada de ano atual para o seguinte podendo assim agravar a dificuldade apresentada. Por isso é necessária atenção àqueles que apresentam algum indício de que não está conseguindo ler ou escrever. Pois é por meio da leitura e da escrita ela se insere no mundo em que vive passando a conhecê-lo melhor. Alguns alunos se deparam com alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita e é importante o professor estar atento a essas questões; Isso é essencial para formar bons leitores e assim, desenvolver a habilidade como falante.

Não são todos os alunos que dispõem das mesmas ideias e experiências vividas em relação à linguagem escrita ou leitura, por exemplo, em muitas casas os pais não leem jornais, livros ou revistas, não tornam isso um hábito, não dá algum exemplo, talvez até porque também não tenha passado pela leitura.

A linguagem escrita usada na escola deve ser feita de modo natural, sem pressão, para oferecer prazer; para se aprendida, não decorada e para fornecer informações às pessoas. O aluno deve ser capaz, através da leitura e da escrita, de se comunicar e se expressar de forma adequada, não só para a escola, mas para toda a sua vida.

É por meio da escola que a criança tem o contato direto com a escrita e a leitura e onde vai passar por aprendizagens e reflexão sobre o uso da língua, que as ajudarão nessa caminhada, como afirma Neves (p.18, 2014):

Considero, como ponto de partida, que a escola é, reconhecidamente, o espaço institucionalmente mantido para orientação do “bom uso” linguístico, e que, portanto, a ela cabe ativar uma constante reflexão sobre a língua materna, contemplando as relações entre uso da linguagem e atividades de análise linguística e de explicitação da gramática.

É no espaço escolar que se pode orientar sobre a língua materna, refletindo sobre seu uso, e principalmente deixando de lado atividades que fazem os alunos decorarem e classificarem ao invés de fazê-los refletir sobre a língua.

Artur Gomes de Moraes (2003), no ensino de ortografia, afirma que esses exercícios devem ser trocados por uma ortografia que faça o aluno refletir sobre a

mesma. Assim os ajudará nas dificuldades da escrita e torna os procedimentos didáticos diferentes do que algumas escolas praticam.

É preciso levar em conta algumas características dessas dificuldades ortográficas dos sujeitos, e a partir daí trabalhar essa dificuldade de acordo com cada um.

As escritoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1988), escreveram sobre a escrita e desenvolvimento da mesma na criança, onde contribuiu muito para os estudos, mas não pesquisaram sobre alunos adultos analfabetos, como afirma Carvalho (2010 p. 131) “Deram grande contribuição teórica para a compreensão foi desenvolvimento da escrita, nas crianças, mas não pesquisaram sobre sujeitos adultos analfabetos, de modo que não se sabia se suas conclusões se aplicavam também a eles.”.

A autora descreve em seu livro o que Emilia Ferreiro destaca todas as etapas da criança em relação à escrita. “Emilia Ferreiro teve grande divulgação no Brasil a partir da década de 1980 e efeitos importantes, embora nem sempre positivos, sobre as práticas em sala de aula (Azenha, 1994)”. E é através dos escritos da autora que é permitido entender melhor a lógica da escrita que os sujeitos produzem.

Em sala de aula muitas vezes demanda tempo e dedicação para corrigir os exercícios de ortografia, muitas vezes os alunos não entendem nem prestam atenção aos erros que teriam que ser corrigidos.

Morais (2003, p. 18) escreve sobre as diferentes variedades dos falantes do português, juntamente com o tema do ensino da ortografia e das ideias descritas aqui e da ideia ou mito do “certo ou errado”, de pronúncias, de formas diferentes de falares, como o autor afirma a seguir:

As pessoas às vezes pensam que a ortografia é uma imposição inútil e que tudo ficaria mais fácil “se pudéssemos escrever as palavras tal como as falamos”. Ao “sonhar” com essa ideia, essas pessoas esquecem um dado fundamental: na língua oral as palavras são pronunciadas de formas variadas. Indivíduos de diferentes regiões, pertencentes a diferentes grupos socioculturais, ou nascidos em diferentes épocas, pronunciam as mesmas palavras de forma diferente. Essas formas de pronúncia são válidas e não podem ser consideradas “certas” ou “erradas”: podemos apenas ver se estão adequadas aos contextos onde os indivíduos as empregam. Não existe uma única

forma de pronúncia correta [...]

A norma ortográfica é necessária, pois ela une a escrita de cada lugar do Brasil e fora dele, a língua Portuguesa é falada em outros países e o acordo ortográfico serve para “uniformizar” a língua escrita. É a partir dessa unificação que conseguimos nos comunicar por escrito bem mais fácil e rápido. Por isso a atenção que se deve ter com todos os alunos da EJA, percebendo a dificuldade de escrita desses alunos.

2.2 - Os jovens da Educação de Jovens Adultos e a produção escrita

E são os sujeitos jovens que a inserção dos mesmos cresce cada vez mais na EJA. Isso porque antes era mais comum a presença de adultos que não tiveram acesso à educação escolar quando crianças. A EJA tem vivido esse formato colocar diferente de antes que se viam apenas adultos estudando na Educação de Jovens e Adultos.

Esse crescimento dos jovens na modalidade de jovens e adultos é devido a processos escolares mal resolvidos e deficientes desenvolvidos na Educação Básica. É o que conhecemos como juvenilização da EJA, marcada, principalmente, a partir dos anos 1990. Enquanto de um lado aumentava o incentivo para o acesso dos jovens à escola, do outro, não havia investimento suficiente em qualidade no processo de escolarização. Isso é o que Carrano e Peregrino (2005, p. 5) denominam de “processo de escolarização degradada”, que:

[...] se refere ao “novo” processo de escolarização que se inaugura a partir da década de 1990, e que se dá com o agravamento das condições de escolarização das classes populares no Brasil, tornando-as ainda mais precárias. Tal precariedade pode ser constatada na medida em que percebemos que o aumento do número de alunos nos sistemas públicos escolares tem se dado sem o concomitante aumento proporcional no montante das verbas para o setor. Assim, tal forma de escolarização vem prescindindo de equipamentos escolares fundamentais, realizando-se com base na contratação precária de profissionais [...]. (CARRANO; PEREGRINO, 2005, p. 5).

Assim, a presença dos jovens na EJA é resultado também desse processo de escolarização degradada, que perpetua a exclusão escolar, esse atraso que começa na infância se encontra em toda a trajetória escolar desses jovens. Os alunos têm

acesso à escola, porém não a uma educação que promova suas habilidades e apropriação do conhecimento científico.

E foi nas experiências, no contato com os jovens e através de seus textos que vi que a escrita estava defasada. Os alunos não tinham muita intimidade com a leitura e nem com a escrita. Eles não viam motivação ou empolgação para produzir algo seu como, por exemplo, um simples texto sobre si. Os alunos da EJA tem uma caminhada escolar diferente dos demais alunos, porque eles tiveram um atraso na sua trajetória devido a vários motivos como: situação econômica, bairro não ter escola, pouco (ou nada) em relação ao acesso à saúde, ou até mesmo ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Considerando esta realidade é que somos cientes que o ensino da EJA é até mais delicado e desafiador, pois o aluno já não se encontra no ensino regular e precisa acompanhar o que uma quantidade de conteúdos em menor tempo de estudo em sala de aula, começando pela leitura e escrita que deve estar conectado as necessidades de ler e escrever do mundo atual, como afirma Aldrigue e Faria (2009, p. 215):

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, o domínio das habilidades da leitura e da escrita está intrinsecamente ligado às necessidades do mundo contemporâneo. Isto porque os(as) alunos(as) dessa modalidade do ensino têm características ,específicas. São alunos(as) cujas experiências e anseios de uma vida melhor requerem um olhar diferenciado no processo de ensino.

Assim é fundamental que os alunos compreendam para que serve a escrita e a leitura, para alcançarem êxito no seu processo escolar. Trabalhando a escrita, leva-se em consideração aspectos que o aluno pode construir algo como um texto, por exemplo, mostrar algum gênero fazendo com que os mesmos participem, opinem sobre as atividades desenvolvidas. Dessa maneira a escola busca a participação dos discentes, cativando-os a sentir prazer e necessidade de escrever. A criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita. "E a escrita é vista como um sistema com propriedades que o aluno precisa compreender." Pereira (2014, p.18)

Compreendendo o que está sendo ensinado pelo professor o aluno pratica e

usa a forma escrita fazendo-o refletir sobre a linguagem de maneira diferente e a partir disso “manipulando a própria fala” como afirma Faria (2014, p.17):

[...] a contemplação da forma escrita faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual manipula a própria fala. A escrita é assim. Um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos. (ABAURRE, 1997, P.23)

O momento da escrita é oportunidade de fazer o aluno refletir sobre a sua própria língua, ele pode ir além, pode interagir, ampliar seus conhecimentos, interpretar e inserir-se por completo nesse mundo da escrita. O PCN (1997) afirma:

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende, ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita através da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita.

Como afirma o PCN, a escrita apresenta habilidades, ampliação de conhecimentos, e interação, que vemos muito importante na vida de qualquer um.

É necessário deixar de lado a abordagem que se vê há algum tempo que oferece ao aluno apenas a possibilidade de memorizar e reconhecer listas de nomenclatura gramaticais e “A perspectiva de estudos gramaticais na escola, até hoje, centra-se, em grande parte, no entendimento da nomenclatura como eixo principal” (PCN, 2000 p.16).

E vemos hoje um distanciamento desses Parâmetros Curriculares Nacionais, dessa forma, nessa direção de fazer refletir e usar, e vice versa, é possível o reconhecimento e a valorização desse conhecimento ampliando a forma de olhar a escrita desse aluno, e aqui em específico, garantir que os jovens da Educação de

Jovens e Adultos tenham o seu direito garantido de acesso a apropriação da língua portuguesa, considerando o seu uso e ampliação do conhecimento.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Campo de pesquisa

Neste capítulo será apresentado o campo de pesquisa, Mais adiante será feito a apresentação dos sujeitos e por fim a exposição do percurso metodológico para uma melhor compreensão.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Educação Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, localizada no bairro da Penha em João Pessoa-PB. A Escola atende nos três horários para atender as necessidades da comunidade da Penha para reuniões, eventos esportivos e religiosos, entre outros.

Caracterização da Escola

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, foi fundada no ano de 1963 denominada inicialmente Grupo Escolar Comendador Antônio Santos Coelho Neto, construída em um terreno doado pelo Sr. Paulo dos Santos Coelho, localizado à beira-mar da Praia da Penha, município de João Pessoa – PB.

Atualmente, o ambiente físico da E.M.E.I.E.F Antônio dos Santos Coelho Neto possui: 01 sala de direção 01; sala para professores (as) ;01 sala para as Especialistas 01 ;secretaria 01; cozinha 01 quadra de esporte; 01 pátio coberto ;01 biblioteca ;01 sala de informática; 02 banheiros para os (as) estudantes ;02 banheiros adaptados para cadeirantes; 08 salas de aula; 01 sala para arquivo morto; 02 almoxarifados.

Os Níveis e modalidades de ensino são Educação Infantil (I e II) – Manhã e Tarde Ensino Fundamental I (anos iniciais – 1º ao 5º) – Tarde Ensino Fundamental II

(anos finais – 6º ao 9º) – Manhã Educação de Jovens e Adultos (Ciclo I, II, III, IV e multisseriada) – Manhã e Noite

De acordo com o Projeto Político pedagógico da escola (PPP) a função Social da Escola é:

Na perspectiva de efetivar uma educação democrática e emancipatória, fundamentada numa visão socio-histórica da construção do conhecimento é que procuramos considerar o sujeito nas dimensões cognitiva, emocional, social e cultural. A função da escola é criar condição que garanta para todos e o desenvolvimento da capacidade e a aprendizagem de conteúdos necessários à vida em sociedade. A escola deve propiciar um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os estudantes se apropriem de maneira crítica e construtiva, de determinados conteúdos sociais e culturais, considerados essenciais ao seu desenvolvimento e ao da sociedade. Considerando que a educação é um direito de todos e dever do estado nos termos do artigo 205 da Constituição Federal, acreditamos que a função social da escola é acima de tudo política, de formar cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade. Como instrumento em prol da cidadania deve contribuir para formação crítica, propositiva e transformadora da realidade.

A comunidade é formada, principalmente, por descendentes de antigos pescadores que repassaram aos seus filhos e netos os conhecimentos sobre o mar. Entretanto, vários destes descendentes, hoje não mais vivem da pesca, muitos abandonaram o mar e passaram a buscar a sobrevivência em campos de trabalho urbanos, enquanto outros se encontram em estado de vulnerabilidade familiar, social e ambiental.

3.2 Percurso Metodológico

O presente trabalho teve como primeiro momento a pesquisa bibliográfica sobre a ortografia e sobre a EJA e a ortografia nesta modalidade, a fim de se conhecer as dificuldades desses sujeitos em relação à ortografia, a ser apresentado o que pensam os teóricos sobre o assunto. Para tanto, houve uma pesquisa de estudo de caso, considerando GIL (2008 p. 57-58):

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. De acordo com Yin (2005, p. 32),

o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

Após o término do Projeto-Prolicen, analisei os textos produzidos pelos alunos e de acordo com Morais (2001) foi feita uma classificação das dificuldades encontradas nas produções textuais, e colocadas em um quadro com os dados.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos que participaram dessa pesquisa foram seis sujeitos, com suas respectivas produções textuais. Sendo três alunos do Ciclo IV, Marcelo, Carlos, Camila e Paulo, e dois do Ciclo III, Gustavo e João, que foram identificados com nomes fictícios.

A observação foi feita em sala de aula em meio ao projeto PROLICEN/UFPB- *Jovens da Educação de Jovens e Adultos: superação no processo de escolarização*, onde foram coletados os dados e o material foi analisado e organizado.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ANÁLISE : PRODUÇÃO TEXTUAL DOS JOVENS

4.1 Produção textual dos jovens da EJA: Apresentação da análise ortográfica

Utilizaremos aqui como base, alguns casos de erros ortográficos e a classificação deles definidos por (MORAIS 2001), os erros causados são por Irregularidades e regularidades:

Um primeiro grupo de relações bem regulares entre letra e som inclui a grafia de "p", "b", "t", "d", "f" e "v" em palavras como "pato", "bode" e "fivela"; as crianças não costumam ter muita dificuldade para usá-las. Nestes casos, se olharmos bem, não existe outra letra competindo (com o "p", com o "b" ou com as demais). Mas atenção, professor: mesmo esses casos de regularidade direta podem envolver dificuldades para alunos cuja pronúncia não é igual à de pessoas letradas. Um aluno que, por exemplo, pronuncia "barrer" (em vez de "varrer") pode apresentar um erro que não observamos em outras crianças. Um segundo tipo de relações também regulares entre letra e som depende do contexto, dentro da palavra, em que a letra (ou o dígrafo) vai ser usada. A

disputa entre o "r" e o "rr" é um bom exemplo disso. Em função do contexto, sempre é possível gerar grafias corretas, sem precisar memorizar.

Para o som de "r" forte, usamos "r" tanto no início da palavra (por exemplo, "risada"), como no começo de sílabas precedidas de consoante (por exemplo, "genro") ou no final de sílabas ("porta"). Quando o mesmo som de "r" forte aparece entre vogais, sabemos que temos de usar "rr" (como em "carro" e "serrote"). E quando queremos registrar o outro som do "r", que alguns chamam "brando" (e que certas crianças chamam "tremido"), usamos um só "r" em palavras como "careca" e "braço".

Outras regularidades contextuais: G ou GU, C ou QU em palavras como "garoto", "guerra", "capeta" e "quilo". J formando sílabas com A, O e U em palavras como "jabuti", "jogada" e "cajuína". Z em palavras que começam com o som de Z (por exemplo, "zabumba", "zinco" etc.). S no início da palavra, formando sílabas com A, O e U, como em "sapinho", "sorte" e "sucesso". O ou U, E ou I em palavras que terminam com som de 1, ou de U (por exemplo, "bambo", "bambu", "perde", "perdi"). M ou N, NH ou til, para grafar as formas nasais em nossa língua (em palavras como "campo", "canto", "minha", "pão", "maçã", "limões" etc.). É comum - e lamentável - que muitos alunos cheguem a séries avançadas com dificuldade na grafia de casos de regularidade contextual. Dizemos lamentável porque, nesses casos, se a regra subjacente fosse compreendida, seria fácil aplicá-la, permitindo a grafia correta de novas palavras. Há um terceiro grupo de relações letra-som, em que a compreensão da regra nos permite escrever com segurança. Sabemos, por exemplo, que em "portuguesa" e "inglesa" devemos usar "s", enquanto "beleza" e "pobreza" são escritas com "z". Sabemos também que "cantasse", "comesse" e "dormisse" sempre têm "ss".

Por quê? Mesmo que não saibamos explicar as razões, temos um conhecimento intuitivo do motivo dessas grafias. Aspectos ligados à categoria gramatical da palavra estabelecem a regra: por exemplo, adjetivos que indicam o lugar em que a pessoa nasceu são escritos com "esa", enquanto em substantivos derivados se emprega "eza". Na maioria dos casos essas regras envolvem sufixos, partes finais da palavra, que indicam a sua família gramatical. Esses sufixos aparecem tanto na formação de palavras derivadas quanto na flexão dos verbos.

Mais regularidades Eis aqui outros exemplos de regularidades ligadas à categoria gramatical: "português", "francês" e demais adjetivos que indicam o lugar de origem são escritos com ÊS no final; "milharal", "canavial", "cafezal" e outros coletivos parecidos terminam com L; "cantou", "bebeu", "partiu" e todas as outras formas de 3ª pessoa do singular do passado (perfeito do indicativo) têm U final; "cantarão", "beberão", "partirão" e todas as outras formas de 3ª pessoa do plural no futuro são escritas com ÃO; por outro lado, todas as outras formas de 3ª pessoa do plural de todos os tempos verbais são grafadas com M no final: "cantam", "cantavam", "bebam", "beberam"; todos os infinitivos terminam com R ("cantar", "beber", "partir"), embora esse R final não seja pronunciado em muitas regiões de nosso país .

Em todos os casos que envolvem regularidades, é fundamental ajudar os alunos a compreender as regras subjacentes. Compreender não é decorar. A prática do dia-a-dia já demonstrou que quando o aluno decora certas regras (como "antes de "p" e "b" se escreve "m", e não "n") sem tê-las compreendido, não consegue se beneficiar delas. A compreensão das dificuldades regulares dá segurança ao aprendiz: internalizando as regras, ele terá segurança para escrever corretamente palavras que nunca teve a oportunidade de ler. Existem irregularidades de ortografia que se concentram na escrita de determinados sons:

"som de S" ("seguro", "cidade", "auxílio", "cassino", "piscina" etc.); "som de G"

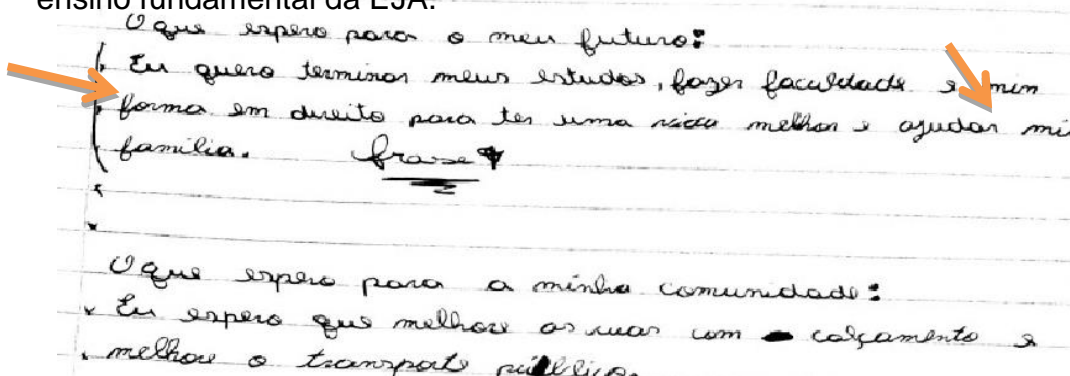
("girafa", "jiló"); "som de Z" ("zebu", "casa" e "exame"); disputa entre X e CH ("enxada", "enchente"); outras letras, como o H inicial.

A seguir analisaremos alguns textos produzidos por alunos do projeto PROLICEN/UFPB-*Jovens da Educação de Jovens e Adultos: superação no processo de escolarização*, no ano de 2016.

Nas produções selecionadas observaremos diferentes formas de lidar com a ortografia dos alunos que estão matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental, ciclo III e IV, da Educação de Jovens e Adultos. Identificando também defasagens em relação ao domínio de regras gráficas da escrita.

Em uma das atividades do projeto foi pedido para se expressarem através das perguntas feitas sobre o próprio futuro, o que eles queriam fazer após terminarem os estudos, quais os planos que tinham e sobre a comunidade em que vivem, onde existia muita precariedade e eles puderam escrever sobre o que faltava. Abaixo estarão os textos selecionados feitos pelos alunos e iremos colocar nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos.

O primeiro texto é de Marcelo, 18 anos, matriculado no ciclo IV, série final do ensino fundamental da EJA.



O que espero para o meu futuro:
 Eu quero terminar meus estudos, fazer faculdade e me forma em direito para ter uma vida melhor e ajudar mi família. frase
 O que espero para a minha comunidade:
 Eu espero que melhor os ruas com calçamento e melhor o transporte público.

Figura 1

Aqui podemos perceber alguns erros ortográficos em que o aluno cometeu como, por exemplo, a omissão do "r" do verbo no infinitivo (formar) onde ele escreve "forma" ao invés de "me formar", o uso incorreto do "mim" também podemos ver, onde ele confunde entre como usar "me" e "mim". A própria estrutura do texto também não segue o padrão e é segmentada e muito pequena.

O segundo texto é do Paulo, 18 anos também do ciclo IV, abaixo vemos que ele estruturou o texto em forma de perguntas e respostas, e identificamos também a ausência do acento agudo na palavra “Jacarapé”, onde ele reside; vemos a omissão do “s” da palavra “desistido”, a palavra “mexo” está trocada por “mecho”, troca do X por CH; vemos também a junção de duas palavras “barrodo” onde era separado ficou junto.

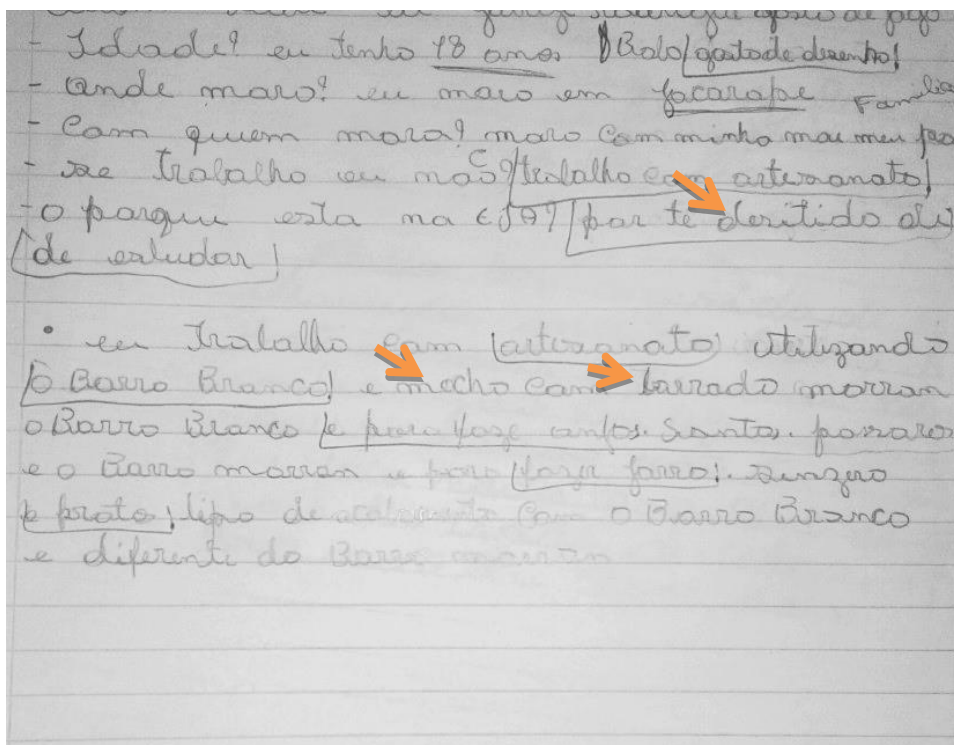


Figura 2

O terceiro texto é do Gustavo, 18 anos do ciclo III, no texto dele podemos identificar erros parecidos como o anterior como, por exemplo, a omissão do “r” na palavra “termina”, a omissão do n na palavra “grande” e a omissão do “r” na palavra “lugar”. Vemos também a falta de pontuação no final das frases ou entre as palavras.

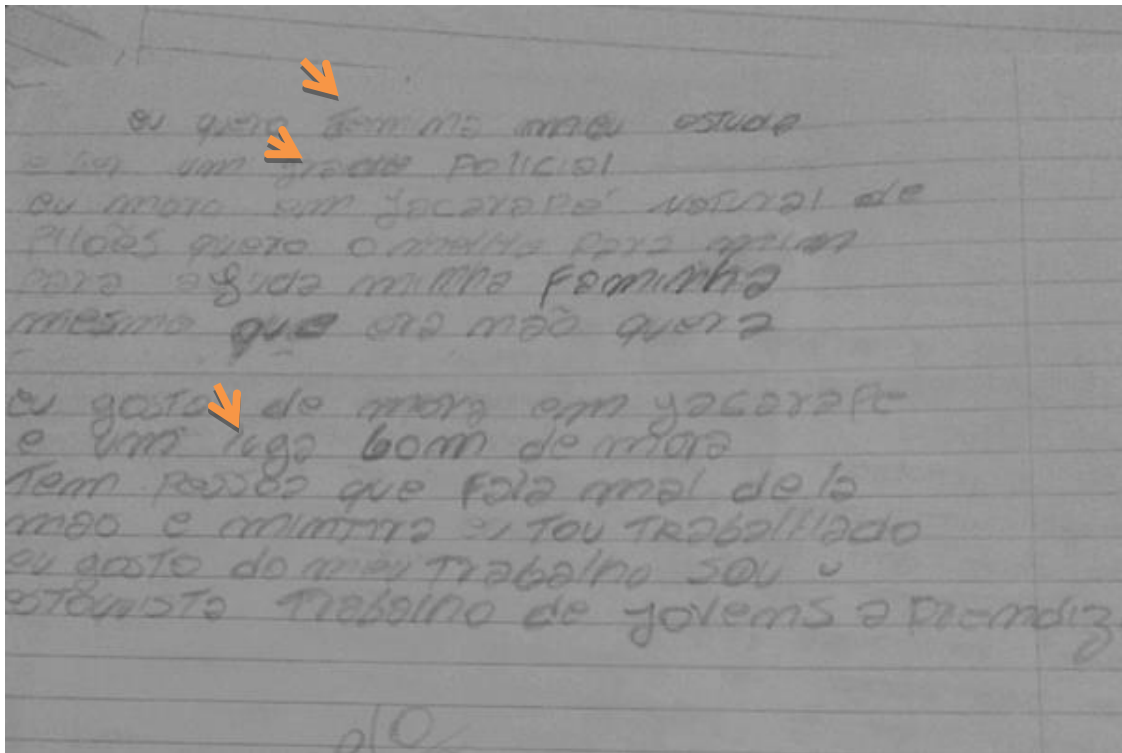


Figura 3

O quarto texto configura uma estrutura de um bilhete, nele quase não podemos identificar ou entender algumas palavras. Esse texto é do João, 16 anos do ciclo III; percebe-se que falta muita pontuação, no começo do texto ele começa com letra minúscula, a palavra “pessoa” está escrita omitindo o “s” e a palavra “colocaram” está escrita no futuro, isso é confusão entre “am” e “ão”.

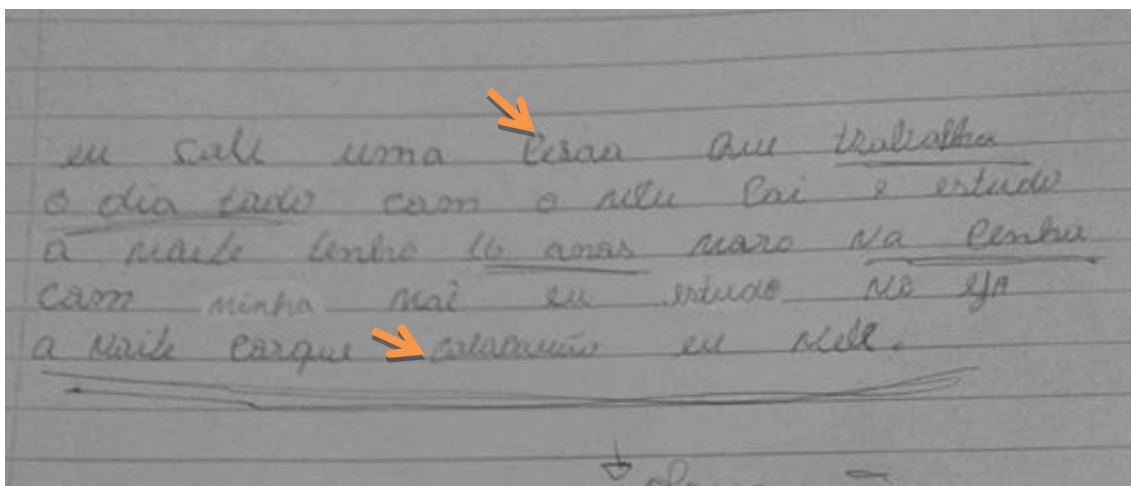


Figura 4

O quinto texto é do Carlos, 18 anos do ciclo IV. No texto do Carlos vemos logo no início a palavra “menhora” onde ele quis dizer “melhorar”, “assalto” onde faltou um “s” pois seriam “ss” e a palavra “causamento” está faltando o “l” e o “ç”.

Nota-se que fica difícil para o leitor a comunicação através do texto pelos erros ortográficos e pela falta de pontuação, pois é através dele que entrelaçamos ideias, opiniões e pensamentos.

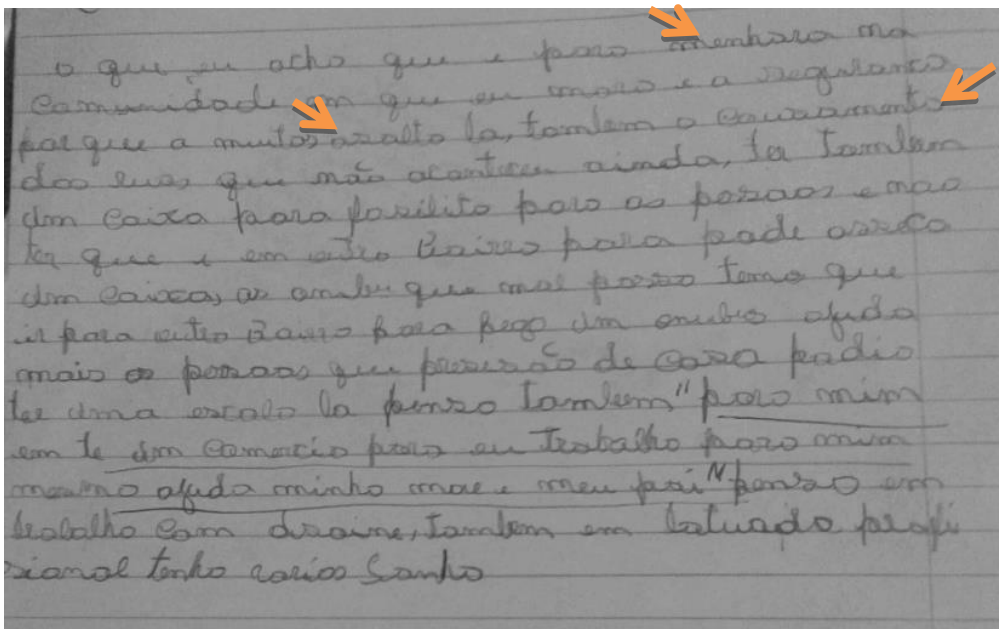


Figura 5

O sexto texto é da Camila de 17 anos do ciclo IV. Nele podemos ver que falta coesão entre as palavras e os erros ortográficos estão presentes em: “melho”, a omissão novamente do “r”; ao invés da palavra “fácil” a aluna escreveu “falso” e mais a frente colocou a mesma palavra mas de outra forma: “faso” e falta acento no verbo “é”

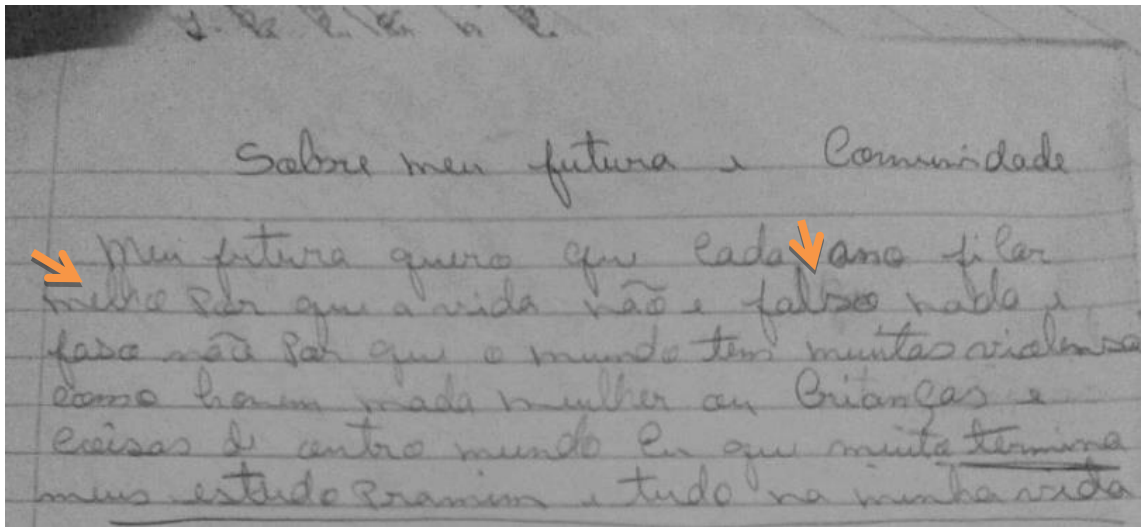


Figura 6

Podemos ver ao longo dos textos dos alunos, alguns problemas relacionados à escrita como: Falta de compreensão e de domínio do sistema ortográfico; Dificuldades para organizar o texto e para colocar a pontuação; Dificuldades na construção dos textos; falta de clareza e coerência; domínio precário da escrita e interferência na oralidade.

Depois dos textos pontuando alguns erros ortográficos, eles são colocados no quadro abaixo, acrescentado de outros que não foram expostos acima, os categorizando e dizendo se há também regularidade e irregularidade contextual para entendermos melhor.

Ocorrência/forma correta	Classificando(Zorzi)	Análise do erro ortográfico
<i>Mecho- Mexo</i>	Irregularidade contextual	O grafema x ou dígrafo ch pode ser representado pelo fonema /x/.
<i>Forma/termina/luga</i>	Apoio na oralidade	Omissão o r, infinitivo de verbo de primeira conjugação.
<i>Grade- grande</i>	Omissão	ausência da letra n

<i>Pormim-por mim</i>	Junção/hipossegmentação	A junção de duas palavras
<i>Violensa-Violência</i>	Acentuação/ apoio na oralidade	Falta do acento circunflexo apoiando-se na oralidade
<i>Menhora-Melhora</i>	Acréscimo/omissão	Acréscimo da letra n e omissão da letra l
<i>Asalto-Assalto</i>	Regularidade contextual	Dígrafo ss é obrigatório
<i>Pessoa-Pessoa/ fose-fosse</i>	Regularidade contextual	Dígrafos obrigatórios ss
<i>Colocaram-colocarão</i>	Confusão entre am e ão	Confusão entre passado e futuro
<i>Desitado-Desistido</i>	Omissões	Omissão da letra s
<i>Selebra-Celebra</i>	Irregularidade contextual	O grafema c pode ser representado pelo fonema /s/
<i>Acontese-Acontece</i>	Irregularidade contextual	O grafema c pode ser representado pelo fonema /s/
<i>Igreijas-Igrejas</i>	Acréscimo	Acréscimo da letra i
<i>Familha-Família</i>	Apoio na oralidade	Interferência da oralidade
Si-se	Apoio na oralidade	Interferência da fala do aluno

O diagnóstico desses erros ortográficos e classificação são importantes para o professor, pois auxilia na definição da aula dando esse suporte para o professor intervir com atividades que melhorem e trabalhem as dificuldades recorrentes da escrita desse aluno, levando-o a refletir, como afirma Bortoni Ricardo (2005 p.53), afirma que: Essa técnica da diagnose permite a identificação dos erros, bem como a elaboração de materiais didáticos destinados a atender as áreas cruciais de incidência.

Os erros descritos e postos aqui não podem ser usados numa forma distorcida ou com preconceito, mas sim com a intenção de produzir um trabalho mais gradual. É preciso também trazer aqui a reflexão da importância do professor de língua Portuguesa em relação à contribuição na formação destes jovens que já vem de um processo de exclusão social, possibilitando mais aprendizado e com isso construir textos de qualidade, trazendo acesso também a melhores condições de vida.

Na vida desses alunos existe um histórico de desistência, abandono escolar e exclusão, onde muitos não conseguem êxito na escolarização por esses motivos. Essas variantes são pontuais e não os deixa aprender nem a ler e nem a escrever. "A realidade da juventude que hoje se encontra no Ensino Fundamental da EJA é proveniente da produção do fracasso escolar. Seus históricos apresentam situações de insucesso, quando ainda eram crianças, e agora, jovens, são submetidos às mesmas situações". (FURTADO, 2015, pg.50).

Andrade e Farah Neto (2007, p. 56) nos apresentam a seguinte reflexão:

Os processos vivenciados pela maioria dos jovens brasileiros e suas estratégias de escolarização ainda expressam as enormes desigualdades a que está submetida essa faixa da população. As trajetórias escolares irregulares, marcadas pelo abandono precoce, as idas e vindas, as saídas e os retornos, podem ser assumidas como importantes sinais de que diferentes grupos de jovens vivem e percorrem o sistema de ensino. Tal processo é o indicador mais visível da diversidade do acesso, da permanência e do arco de oportunidades. O que parece estar dado, como direito, instituído e instituinte – o direito à educação para todos –, não reflete, necessariamente, a realidade vivenciada por parcela significativa dos jovens brasileiros.

Muitos alunos são privados de seus direitos, como saúde, educação e direitos simples como saneamento, água potável, e é através da educação escolar que o aluno conhecerá seus direitos e terá como reivindicá-los, com a ajuda importante da escola e do Professor mostrando e levando a refletir sobre seu papel como cidadão.

É através da educação na escola o lugar, em especial, em que se adquire a escrita, que os sujeitos descobrem um mundo diferente do que eles vivem, descobrem um saber diferente do que conhece no dia a dia, e conseqüentemente os saberes da escola juntamente com seu conhecimento de mundo serão levados e postos em prática para a vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos nesta pesquisa foram analisar a produção escrita dos jovens da EJA e suas dificuldades nas questões ortográficas, e como específicos: verificar o uso da ortografia em relação ao domínio da escrita e refletir sobre o uso e a importância da aprendizagem da ortografia no ensino de língua portuguesa. Após a análise vimos que o professor tem uma função importantíssima em auxiliar os “erros” produzidos por aqueles alunos que além da exclusão escolar que enfrentam, ainda existem dificuldades que permeiam a vida desses sujeitos. O professor pode apresentar ao aluno uma visão contextualizada do ensino de língua e gramática, além de incentivar e estimular a leitura refletindo e não tornando as atividades para os alunos decorarem.

Existe também o fato das dificuldades em relação às questões ortográficas, que esse aluno que já vem com um histórico de repetência e de exclusão apresenta. A incidência dos “erros” recai sobre a oralidade, nos textos que analisei, e sobre as irregularidades contextuais onde não existe regra específica. Há ainda confusão em relação à regularidade contextual, que existe regra específica como dígrafos, por exemplo, e vemos essa dificuldade muito presente nos textos. Os alunos devem ter conhecimento da norma padrão, e popular ao mesmo tempo, entendendo também a diferença entre a escrita e a oralidade sabendo usá-las em situações diferentes. Acredito que para os erros apresentados nesta pesquisa é interessante trabalhar na reflexão da língua, discussão e produção, com isso melhoraria o desempenho dos alunos na sua escrita e fala.

A educação transforma pessoas e vidas, e na desses jovens principalmente, que são diferenciados por toda bagagem histórica que trazem. E para o ensino desses jovens na EJA é essencial para que a educação mude a história desses alunos, para que tenham uma educação de qualidade, que eles exerçam seus direitos como cidadãos e haja auxílio em relação também às didáticas que resultem uma melhora em sala de aula, e para que eles não parem seus estudos e participe perante a sociedade, interagindo de forma participativa e que jamais desistam de seus sonhos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1997. (Coleção Leituras no Brasil). (204 p.).

ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; FARIA, Evangelina Maria de Brito (Orgs) v.3 Linguagens: usos e reflexos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel. Juventudes e Trajetórias Escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2007. p. 55-78.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CARRANO, Paulo; PEREGRINO, Mônica. O direito à juventude na escola que se expande: desafio para a democratização da escola pública no Brasil. 2005.

CARVALHO, Marlene, 1936- primeiras Letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares/ Marlene Carvalho. -1. Ed.- São Paulo: Ática, 2010)

DA LINGUAGEM, Porto Alegre, 1992. Anais..., Porto Alegre, escrita. In: II ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO

FURTADO, Quézia Vila Flor. Jovens na Educação de Jovens e Adultos: produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2015

GIL, Antonio Carlos Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_3.pdf Programa de Formação de Professores Alfabetizadores-2011

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010. IN cadernos da TV escola, Português 2. Brasília, SEED/MEC. MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 2000.

PEREIRA, Regina Celi M. Práticas de leitura na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos. 2 ed. João Pessoa 2014.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2008. POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar gramática na escola, Campinas, São Paulo 1996.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.Zorzi (2008).